



Pronomes de 1PP: uma análise sociolinguística e educacional

1PP pronouns: a sociolinguistic and educational analysis

Elimária Oliveira Lima¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Cecilia Mollica²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

♦ **RESUMO:** A emergência de a gente como forma pronominal no português brasileiro desencadeou mudanças também no paradigma verbal, ocasionando diferentes possibilidades de realização da primeira pessoa do plural. Desse modo, a partir da interseção teórica entre Sociolinguística e Linguística Aplicada, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre os padrões de uso e o ensino dos pronomes de primeira pessoa e as respectivas formas de concordância. No que tange à metodologia, foi usada a abordagem qualitativa com pesquisa bibliográfica em que se consideraram o uso, a avaliação e a percepção das variantes nós e a gente. Levou-se em conta ainda a maneira pela qual os pronomes em análise são abordados pela gramática normativa e livros didáticos. Os resultados evidenciam que as múltiplas possibilidades de realização da primeira pessoa do plural têm implicações no ensino-aprendizagem e engendram importante reflexão acerca do tratamento da variação pronominal em sala de aula. O estudo evidencia ainda que o paradigma pronominal constitui um dos grandes desafios para o professor de Língua, tendo em vista que os próprios livros didáticos não apresentam as formas inovadoras já cristalizadas na fala.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Português brasileiro. Variação pronominal. Primeira pessoa do plural.

♦ **ABSTRACT:** The emergence of a gente as a pronominal form in Brazilian Portuguese also triggered changes in the verbal paradigm, causing different possibilities of realization of the first person plural. Thus, based on the theoretical intersection between Sociolinguistics and Applied Linguistics, this article aims to reflect on the patterns of use and teaching of first person pronouns and the respective forms of agreement. With regard to methodology, a qualitative approach was used with bibliographical research in which the use, evaluation and perception of the variants nós and a gente were considered. It also took into account the way in which the pronouns under analysis are addressed by normative grammar and textbooks. The results show that the multiple possibilities of realizing the first person plural have implications for teaching-learning and engender an important reflection on the treatment of pronominal variation in the classroom. The study also shows that the pronominal paradigm constitutes one of the great challenges for the language teacher, considering that the textbooks themselves do not present the innovative forms already crystallized in speech.

♦ **KEYWORDS:** Brazilian portuguese. Pronominal variation. First person plural.

¹Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista de doutorado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Membro do grupo de pesquisa Langage & Catharsis (IFMA) e do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua (UFRJ). E-mail: elimarialima@letras.ufrj.br. <https://orcid.org/0000-0002-9067-6009>.

²Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisadora do CNPq com bolsa de produtividade em pesquisa PQ-Sr e membro do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua (UFRJ). E-mail: ceciliamollica@terra.com.br. <https://orcid.org/0000-0001-6261-4663>.

Introdução

Este artigo focaliza questões relacionadas a movimentos do sistema da língua portuguesa no que se refere aos usos pronominais, à variável concordância e às repercussões possíveis no letramento escolar. Discute assim aspectos centrais da estrutura do Português falado no Brasil, ao estabelecer comparação entre os empregos em Barra do Corda, no Maranhão, e as demais regiões do país. Tem como meta revelar a complexidade inerente aos fenômenos de variação e de mudança linguística aliada aos desafios de uma construção pedagógica.

No português brasileiro, a primeira pessoa do plural pode aparecer como a forma canônica *nós*, como em (1), ou como a forma inovadora *a gente*, como em (2):

- (1) *A gente* foi jogar no festejo
- (2) *Nós* somos dez

A emergência de *a gente* como forma pronominal no português brasileiro (doravante PB) desencadeou mudança no sistema pronominal. Concorreu também, conjuntamente com outros fatores, para a variação da concordância entre sujeito-verbo com o verbo em terceira pessoa do singular (3PS) ou em primeira pessoa do plural (1PP) tanto para o pronome *nós*, quanto para o pronome *a gente*. Considerando a forma pronominal explícita de primeira pessoa do plural, encontramos no PB os seguintes tipos de ocorrências:

- (3) *A gente andava* muito.
- (4) *Nós mudamos* um pouco
- (5) *A gente alugamos* o ônibus
- (6) *Nós chama* é sereno

Essas múltiplas possibilidades de realização da 1PP têm implicações no ensino-aprendizagem da língua portuguesa haja vista a noção de pessoa correlata à noção de número.

O presente artigo está organizado em cinco seções, em que discutimos sobre a alternância pronominal, a concordância verbal, os aspectos afetos à avaliação e à percepção do falante e a gramática e letramento formal de 1PP. Ao final, o estudo esboça breve reflexão acerca de uma pedagogia da variação linguística, levando em conta achados de pesquisa e considerações existentes na literatura especializada.

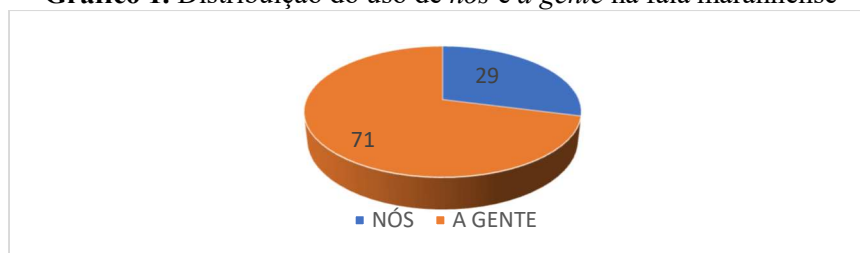
A alternância Pronominal

Diversos estudos com amostras distintas constituídas da fala do PB acerca dos pronomes de primeira pessoa do plural (LIMA, 2020; LOPES, 1993; MUNIZ, 2008; OMENA, 1986; SANTANA, 2014) mostram que, na língua falada, gradativamente o pronome *a gente* tem ocupado o espaço do pronome *nós*. Apesar de os gramáticos não reconhecerem o *a gente* como pronome pessoal, Omena (1986), Lopes (1993) e Monteiro (1994) consideram a forma inovadora como uma variante legítima do pronome *nós*, pois ambas as formas mantêm o mesmo significado referencial/representacional e são intercambiáveis no mesmo contexto.

Da mesma forma que o pronome *nós*, o *a gente* apresenta sentido de coletividade, seja eu + alguém, eu + eles ou eu + vocês. Ambos os pronomes se correlacionam a adjetivos tanto no masculino ou feminino de acordo com o gênero do referente (*a gente* está tranquila, *nós* estamos tranquilas – referência exclusiva a mulheres / *a gente* está tranquilo, *nós* estamos tranquilos – referência mista, ou a homens). Porém, diferentemente do pronome *nós*, que faz concordância com o verbo em 1PP, o pronome *a gente* mantém a concordância em 3PS. Omena (1996) explica que a forma *a gente*, originalmente usada como substantivo coletivo ou como forma indeterminadora em referência a um grupo de seres humanos, passou, por extensão de uso, a ser empregada sempre com o artigo “a” para indicar a primeira pessoa do discurso, conservando, porém, com o verbo, a mesma relação sintática de terceira pessoa gramatical. Conforme Nascimento (2013), embora o *a gente* não seja nomeado pela gramática normativa como um pronome, não se pode negar o uso dessa forma pronominal pelos falantes, uma vez que os estudos variacionistas realizados acerca do português brasileiro têm mostrado progressiva substituição do *nós* pelo *a gente*.

A partir de uma amostra com 12 falantes, Lima (2020) observou que, no Maranhão, assim como em diversas outras localidades onde o fenômeno foi investigado, há forte tendência de uso do pronome *a gente* em detrimento do pronome *nós*, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1. Distribuição do uso de *nós* e *a gente* na fala maranhense



Fonte: Lima (2020)

De acordo com o gráfico 1, os tokens de *a gente* superam em dobro aos de *nós*, que representam não somente percentuais de 71% da forma inovadora *versus* 29% da forma conservadora, como também mostram que *a gente* é a forma pronominal mais usada pelos falantes maranhenses para representar a primeira pessoa do plural.

Esses dados vão ao encontro dos resultados de Silva (2013), Mattos (2013), Fernandes (2004), Seara (2000), Zilles (2002), Omena (1996), Rubio (2012), entre outros, que também revelam a preferência de uso do pronome *a gente*, conforme podemos observar na Tabela 1.

Tabela 1: Estudos sobre os pronomes *nós/a gente* no português brasileiro

Localidade	A gente (%)	Nós (%)
João Pessoa – PB (Fernandes, 2004)	79	21
Goiânia e outros – GO (Mattos, 2013)	77	23
Rio de Janeiro – RJ (Omena, 1996)	73	27
São José do Rio Preto – SP (Rubio, 2012)	74	26
Florianópolis – SC (Seara, 2000)	72	28
Rio Branco – AC (Silva, 2013)	77	23
Porto Alegre – RS Zilles (2002)	70	30

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023)

Os resultados dos estudos apresentados são bastante próximos e todos eles com percentual igual ou superior a 70% de uso do *a gente*. Note-se que os estudos foram realizados em diferentes localidades do país, contando com pelo menos uma comunidade de fala para cada uma das cinco regiões brasileiras (Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-oeste). Com base na distribuição diatópica do emprego dos pronomes *nós* e *a gente*, é de se supor que, no PB, o pronome *nós* vem sofrendo processo de substituição pelo pronome *a gente*, caminhando em direção a uma mudança linguística (Lopes, 1993).

Lima (2020) apresenta resultados relativos a alguns fatores de natureza linguística e social que contribuem para se reafirmar o câmbio. No que se refere aos próprios mecanismos da língua, a autora evidencia que há contextos em que o *nós* é normalmente substituído pelo *a gente*, provavelmente, para evitar-se a ausência de concordância, como em “*nós andava*”, construção estigmatizada tanto nos maiores centros urbanos, quanto entre os mais escolarizados. Por essa lógica, em vez de dizer “*nós andávamos muito*”, o falante opta por usar “*a gente andava muito*”.

É importante ressaltar que a estigmatização aqui apontada está relacionada à concordância entre sujeito pronominal e verbo e não ao pronome em si. Lima (2020) constatou que, na fala maranhense, à medida que aumenta o nível de escolaridade aumenta também o percentual de aplicação do *a gente*, o que indica que esta variante não é condenada pela escola. Vianna (2006) esclarece que apesar do favorecimento do uso do pronome *a gente* na fala – até mesmo entre mais os escolarizados – na escrita predomina o uso do pronome *nós*. Isso revela que a variação entre os pronomes *nós* e *a gente* se mostra sensível às diferentes modalidades do ato comunicativo.

Conforme Schmitz (2006), o uso de *a gente* ainda não tem prestígio oficial, sendo considerado pouco apropriado em textos escritos formais. O autor acrescenta que, em textos jornalísticos, por exemplo, o *a gente* como pronome pessoal não ocorre em editoriais. Vianna e Lopes (2015) salientam que, mesmo que o pronome *nós* continue sendo apresentado como o legítimo pronome de 1^ªPP, a forma *a gente* não sofre avaliação negativa por parte dos falantes do PB e, por isso, já vem aparecendo com maior frequência também em textos escritos. Corroborando o que defende Schmitz (2006), as autoras apontam que as ocorrências do pronome inovador na escrita emergem quando há a reprodução de situações dialógicas, ou em gêneros textuais que apresentem menor grau de formalidade, como crônicas e propagandas.

Lima (2020) Muniz (2008) e Maia (2003) dão conta do favorecimento do pronome inovador em centros urbanos maiores e a prevalência do pronome canônico em comunidades menores. Esses resultados sugerem que o avanço do pronome *a gente* está diretamente relacionado à maior mobilidade dos falantes, assim como a produtividade do pronome *nós* acha-se ligado com a questão do “isolamento” da comunidade e seu consequente conservadorismo linguístico, conforme explica Monteiro (2002, p. 129):

O isolamento geográfico inevitavelmente gera diferenciações linguísticas. Se viajarmos pelo interior do Brasil e conseguirmos chegar a vilarejos longínquos e de difícil acesso, com certeza lá encontraremos traços dialetais que nos causarão até surpresa. Em geral, o que se observa nesses lugares isolados é uma tendência ao conservadorismo linguístico. Daí, parece óbvia a hipótese de que quanto mais contato externo a comunidade de fala mantiver, maiores serão as possibilidades de mudança e diversificação.

Esse fenômeno no PB guarda estreita correlação com o processo de variação na concordância verbal, pois, à medida que o *a gente* passa a fazer parte do sistema pronominal, há também alteração no paradigma verbal, como veremos a seguir.

Concordância Verbal

Estudos como o de Zilles, Maya e Silva (2000) mostram que, no fator concordância verbal, existe grande diferença entre a realização do pronome *nós* e do pronome *a gente*. Este último quase sempre satisfaz às regras de concordância, enquanto o primeiro realiza-se, predominantemente, sem obedecer a esse fator. Tal fato também foi observado por Lima (2020) em sua pesquisa com falantes maranhenses, em que houve apenas uma ocorrência de *a gente* concordando com verbo em 1PP (*a gente alugamo o ônibus*), indicando que, quase predominantemente, a forma *a gente* é usada pelos falantes concordando com o verbo em 3PS.

Ainda de acordo com Zilles, Maya e Silva (2000), ao refletirmos sobre concordância de primeira pessoa do plural, não podemos deixar de considerar o apagamento do /s/ (*nós compramo* em vez de *nós compramos*), omissão da desinência –mos (*nós faz* em vez de *nós fazemos*), e alternância de vogal temática /a/ > /e/ (*nós achemos/achemo* em vez de *nós achamos*).

O quadro a seguir demonstra que a competição entre as formas *nós* e *a gente*, *tu* e *você* tem favorecido uma dinâmica na variação da concordância verbal, com ou sem efeito na morfologia de número no verbo quando esses pronomes estão na posição de sujeito.

Quadro 1: Reestruturação do paradigma verbal

PARADIGMA 1	PARADIGMA 2
Eu ando/escrevo/vou	Eu ando/escrevo/vou
Tu andas/escreves/vais	Tu anda(s)/escreve(s)/vai(s) Você anda/escreve/vai
Ele(a) anda/escreve/vai	Ele(a) anda/escreve/vai
Nós andamos/escrevemos/vamos	Nós anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos) A gente anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos)
Vós andais/escreveis/ides	Vocês anda(m) escreve(m)/vai(ão)
Eles(as) andam/escrevem/vão	Eles(as) anda(m)/escreve(m)/vai(ão)

Fonte: Coelho et al (2018, p.156).

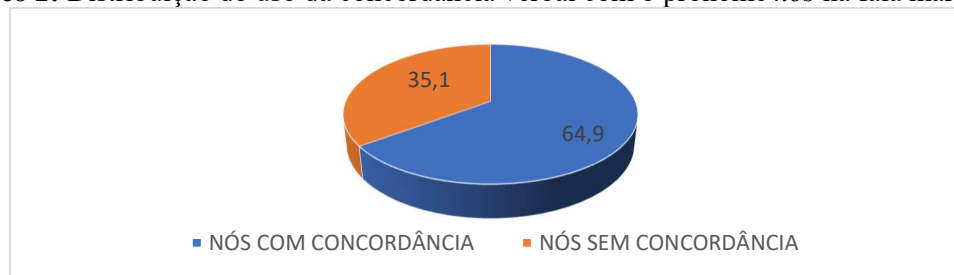
O paradigma 1 é veiculado na tradição gramatical e na maioria dos livros didáticos, correspondendo à norma padrão, enquanto o paradigma 2 representa as variedades do português usado atualmente no Brasil, principalmente na fala.

Conforme Vieira (1995), a não-realização da regra de concordância verbal, no português do Brasil, constitui um traço de diferenciação social de cunho estigmatizante que se revela com mais nitidez no âmbito escolar. Scherre (2005) conclui que, para o entendimento do fenômeno da falta de concordância de pessoa gramatical entre o verbo e o sujeito, as variáveis sociais são importantes, sobretudo grau de escolaridade e contraste rural-urbano.

Tais achados se confirmam na pesquisa de Lima (2020) por meio da qual a ausência da concordância com o pronome *nós* foi encontrada apenas entre os falantes menos escolarizados e com maior frequência no centro urbano mais “isolado”. De acordo com Lima (2020), os falantes de comunidade de fala mais isolada que participaram da pesquisa têm suas raízes em povoados da zona rural e, mesmo os que moram na cidade há bastante tempo, mantêm fortes laços e contato frequente com pessoas das comunidades rurais.

Lima (2020) não apresenta dados percentuais para a concordância verbal com o pronome *a gente*, já que foi encontrada apenas uma ocorrência deste pronome com verbo em 1PP. No Gráfico 2, apresentamos os resultados referentes à concordância com pronome *nós* na fala maranhense.

Gráfico 2: Distribuição do uso da concordância verbal com o pronome *nós* na fala maranhense



Fonte: Lima (2020)

A partir do Gráfico 2, nota-se que menos da metade das ocorrências do pronome *nós*, que corresponde a 35,1%, é realizada com o verbo em 1PP e 64,9% das ocorrências são realizadas com o verbo sem a desinência de número-pessoal (–mos). Para Zilles (2005), o uso do verbo em 3PS com o pronome *nós* poderia ser explicado da seguinte forma: dada a incorporação e a predominância de uso do *a gente* no português brasileiro, teria acontecido uma ‘contaminação’ da concordância verbal com 3PS para a forma *nós*. Para o falante menos escolarizado, é mais difícil internalizar as regras de concordância: se *a gente* possui o mesmo referente que o pronome *nós*, seria razoável usar também as mesmas formas verbais.

Lima (2020) esclarece que a prática do singular verbal com o *nós* na fala maranhense ancora-se tanto no fato de ser a execução mais comum entre os menos escolarizados, quanto na tendência rítmica predominante no português de evitar o vocábulo proparoxítono (Lemle, 1977). Ressalta-se que 8 dos 12 falantes participantes da pesquisa possuem apenas o ensino fundamental, sendo que alguns sequer concluíram o referido nível de ensino. A junção desses dois fatores para explicar a variação da concordância verbal na fala maranhense é um exemplo bastante coerente com a afirmação de Mollica (2017) de que as variáveis linguísticas e sociais não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes.

Na pesquisa de Lima (2020), em todas as ocorrências em que o pronome apareceu acompanhado de proparoxítona, como “*nós cantávamos*”, os falantes mais escolarizados com ensino superior completo, ao usarem a forma pronominal *nós*, aplicaram a forma verbal de 1PP; por outro lado, entre os falantes menos escolarizados, quase todas as proparoxítonas foram transformadas em paroxítonas, como “*nós cantava*”, mantendo o pronome *nós* com o verbo em 3PS. Lima (2020) chama a atenção para o que Zilles (2006) nomeia como “esquiva da proparoxítona” e destaca que isso se dá tanto entre falantes mais escolarizados quanto entre os menos escolarizados, no entanto o processo ocorre de maneira distinta entre os dois grupos. Como meio de evitar a proparoxítona, “os falantes menos escolarizados substituíram as proparoxítonas por formas paroxítonas, muitas vezes mantendo o pronome *nós*; de outro modo, os falantes mais escolarizados, ao substituírem as proparoxítonas, usaram predominantemente o pronome *a gente*” (Lima, p. 138, 2020).

Essa dinâmica ajuda a explicar o alto percentual de ocorrência do pronome *a gente* entre os mais escolarizados, pois, muitas vezes, o pronome é utilizado como estratégia para evitar formas verbais proparoxítonas, uma vez que “*a gente vai*” não é alvo de estigma, ao contrário de “*nós vai*”. Em relação às estratégias de concordância entre os

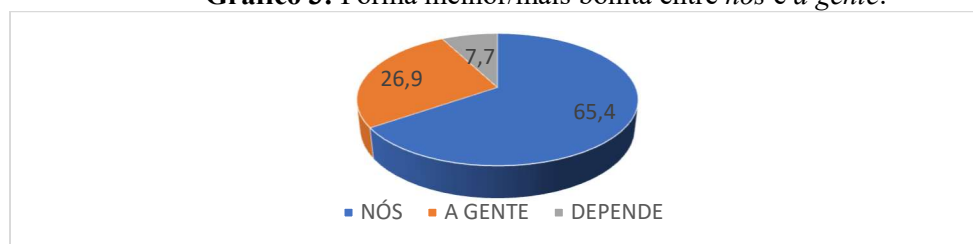
menos escolarizados, Lima (2020) observou que, mesmo quando estes falantes usaram o verbo em 1PP, houve apagamento do /s/ final na maioria dos casos, bem como mudança da vogal temática (/a/ > /e/) nos pretéritos da primeira conjugação, como “*nós* achemo” em comparação à construção “*nós* achamos”, por exemplo. Para Bortoni-Ricardo, essas diferenças tendem a se conservar devido ao acesso limitado à escolarização, tendo em vista que “a escola é uma força corretiva e unificadora da língua” (2005, p. 23).

Avaliação e Percepção

Para Martins *et al.* (2018), um procedimento para verificar se uma forma linguística tem prestígio social é observar ou mesmo solicitar às pessoas da comunidade de fala estudada que expressem seu julgamento sobre tal emprego. Nesse sentido, foi aplicado um questionário com 4 perguntas a 26 falantes maranhenses tendo como objetivo analisar de que forma avaliam as expressões pronominais *nós* e *a gente* e como empregam o verbo em 1PP e em 3PS com esses pronomes.

Na primeira questão, perguntou-se qual a forma melhor/mais bonita para se referir a ele e mais outra pessoa, se *nós* ou *a gente*.

Gráfico 3: Forma melhor/mais bonita entre *nós* e *a gente*.



Fonte: Lima (2021).

A partir dos dados mostrados no Gráfico 3, verifica-se uma distribuição bastante desigual entre os percentuais de *nós* (65,4%) e *a gente* (26,9%). O que chama a atenção também nos resultados é que 7,7% dos falantes responderam que “depende”, ou seja, esses dados indicam que a avaliação das formas pronominais pode estar relacionada também ao contexto em que são utilizadas.

Comparando os resultados sobre produção com os resultados sobre avaliação, observa-se que há uma assimetria: os falantes maranhenses acham melhor/mais bonito o *nós*, mas usam mais o *a gente*. É certo que as questões da amostragem dos estudos podem influenciar nos resultados, de todo modo, as diferenças são bastante curiosas.

Em relação ao percentual identificado como “depende”, a resposta de um dos falantes sintetiza esse pensamento:

(7)- Eu vejo da forma como é colocada. Existe certas ocasiões que *a gente* coloca *nós* e coloca *a gente* também. Eu acho que a forma *a gente* seria uma coisa mais familiar, “*a gente* vai a algum lugar”. *Nós* é uma multidão que não tenha nem conhecimento, mas *a gente* é um grupo que já estão mais conhecido, a meu ver, né. (Falante 07)

Conforme o exemplo 7, nota-se que o falante estabelece uma diferença entre o uso dos dois pronomes: o *a gente* é uma forma utilizada para fazer referência a pessoas mais próximas, mais íntimas, e o *nós* é usado para se referir a pessoas que não são tão próximas ou são pessoas desconhecidas. O dado sugere também que o falante associa as formas

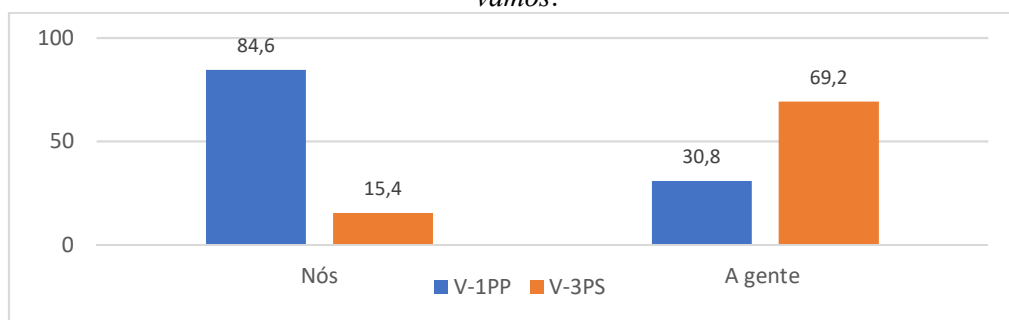
pronominais à quantidade de indivíduos envolvidos, em que o *a gente* delimita uma quantidade menor e o *nós* é mais abrangente, envolve mais pessoas. Outro aspecto a ser observado é que a pergunta faz referência apenas ao falante e mais outra pessoa e a resposta apresentada no exemplo nos mostra que, para o falante, ambas as formas são mais do que simples plurais de eu e você, e podem incluir, além dele, o ouvinte e outras pessoas.

A partir da fala deste informante, constata-se que a sua percepção em relação ao uso das formas pronominais *nós* e *a gente* vai de encontro ao que aponta Buescu (1961) apud Pereira (2003), quando lança a hipótese de que o pronome pessoal *nós* possui maior concretude, ou seja, normalmente é usado para referir-se a um número mais completo ou determinado de pessoas. Já o pronome *a gente*, normalmente se refere a um número não limitado, isto é, a uma categoria. No dado em questão, o falante associa o pronome *a gente* à família, delimitando aí um certo número de pessoas e relaciona o *nós* a uma multidão, tomando-o como forma mais genérica.

Mendonça (2010, p. 82) argumenta que “a forma *a gente* vem também se firmando na referência específica, o que, de certa forma, lhe confere ainda mais status de pronome pessoal, uma vez que se estabelece como pronome pessoal pleno, sem, contudo, perder seu traço indeterminador, originário da formação substantiva”. Corroborando esta afirmação, o dado apresentado pelo falante denota que o processo de gramaticalização da forma *a gente* não ficou estagnado, pois a forma inovadora passou a exercer também função específica.

No Gráfico 4, apresentamos os achados relativos às questões 2 e 3, que vão além da alternância pronominal. Foi questionado aos participantes qual a forma melhor/mais bonita entre *nós vai* e *nós vamos* e qual a forma melhor/ mais bonita entre *a gente vai* e *a gente vamos*.

Gráfico 4: Forma mais bonita/melhor entre *nós vai* e *nós vamos* e entre *a gente vai* e *a gente vamos*.



Fonte: Lima (2021)

Considerando os preceitos da gramática normativa, a concordância verbal com pronome *nós* parece ser mais clara entre os falantes comparativamente a *a gente*. No que diz respeito ao pronome *nós*, 84,6% disseram que a construção “*nós vamos*” é a forma melhor/mais bonita e 15,4% disseram ser o “*nós vai*”. Em relação ao pronome *a gente*, para 69,2% “*a gente vai*” é a forma melhor/mais bonita e, para 30,8%, a preferida é a construção “*a gente vamos*”.

Lima (2020), no estudo de produção, atestou 64,9% de ocorrências do pronome *nós* com concordância e 35,1% sem concordância. De acordo com os resultados, os falantes parecem ter percepção do uso da concordância com o pronome *nós* de acordo com o preconizado pela gramática normativa, no entanto usam menos do que imaginam. Aqui vale a ressalva sobre a questão da amostragem. No estudo de avaliação, temos uma amostra estratificada em três níveis de escolaridade – ensino fundamental, ensino médio

e ensino superior; no estudo de produção, temos apenas dois níveis de escolarização – ensino fundamental e ensino superior. Essas informações são importantes porque a escolaridade é um dos fatores sociais que mais influenciam na variação da concordância verbal, em que os falantes menos escolarizados são mais propensos à não realização da concordância.

Sobre a avaliação da concordância verbal com o pronome *nós*, examinem-se os trechos que se seguem:

(8)- *Nós vamos*, porém o *nós vai* é mais usado. (Falante 04)

(9)- Pra mim é *nós vai* (risos)

ENT- Por que sorriu?

- Porque é feio. Os dois acho que são colocações arcaicas, *nós vamos*, *nós vai*. *Vamos* a algum lugar? Ei, *nós vamos* pra onde? *Vamos* em algum lugar. A colocação, pra mim, a mais atual é *vamos* a algum lugar, sem colocar o *nós*. (Falante 18)

(10) - *Nós vamos*. Por ter conhecimento da língua, devido ao preconceito linguístico sofrido na escola, passei a achar mais bonito o *nós vamos*, porque a gente era reprimido em relação ao não uso da concordância. Os professores corrigiam na frente de todo mundo mesmo. (Falante 06)

O trecho 8 mostra que o falante possui consciência linguística sobre o uso da concordância com o pronome *nós*, no entanto atenta para o fato de que, na fala, é mais comum o uso do *nós* com o verbo em 3PS. O trecho 9, por sua vez, evidencia uma questão que está para além da concordância: a marcação fonética do pronome na frase. Sobre isso, Ilari et al. (2002, p. 102) argumentam que

(...) a ocorrência simultânea do verbo e do pronome pessoal sujeito, enquanto identificação de papéis discursivos seria em grande parte redundante. O português dispensa em muitas circunstâncias o uso dos pronomes-sujeito, fato que as gramáticas tradicionais explicam pela existência das desinências verbais e que a gramática gerativa reconhece enquadrando o português no parâmetro pro-drop.

O falante classifica essa marcação fonética do pronome como uma construção arcaica, desnecessária, porém os sociolinguístas apontam o contrário. Para Menon, Lambach e Landarin (2003), o português do Brasil vem perdendo a característica de língua de sujeito nulo, requerendo, cada vez mais, a presença do pronome junto ao verbo. A mudança caracteriza a perda de capacidade da morfologia verbal marcar semanticamente o sujeito do verbo, tornando necessário explicitar o sujeito com a presença do pronome. Ou seja, no PB, a mesma forma verbal pode vir acompanhada das diferentes pessoas pronominais, como por exemplo: *eu ando*, *ele/você/a gente/eles/vocês anda*.

O trecho 10 demonstra a força da escola ao refrear determinadas variantes, confirmando o efeito da escolarização nas escolhas linguísticas dos indivíduos. Por outro lado, o exemplo suscita também questões de natureza pedagógica. Cabe notar, então, que é procedente atentar-se para a sensibilidade do professor quanto à variante utilizada pelo aluno. A conscientização do discente quanto às formas consideradas de prestígio e as formas estigmatizadas parece consituir caminho mais produtivo para a aprendizagem de padrões gramaticais.

Em relação à avaliação da concordância verbal com o pronome inovador, verifiquem-se as seguintes respostas:

- (11) - *A gente vai*. Porque é o que mais *a gente* usa. (Falante 16)
 (12) - *A gente vai* é o correto, *a gente vamos* é estranho (Falante 19)
 (13) - *A gente vamos*. É mais bonito. É mais simpático (Falante 26)

Não há consenso entre os falantes quanto à forma mais bonita/ melhor, se é o pronome *a gente* acompanhado do verbo em 1PP ou em 3PS. Lima (2020), em sua pesquisa de produção dos pronomes de primeira pessoa do plural na fala maranhense, apontou que a forma *a gente* é usada predominante concordando com o verbo em 3PS. Comparando os dados dos dois estudos, conclui-se que nem sempre o falante usa as variantes que ele considera melhor/mais bonita.

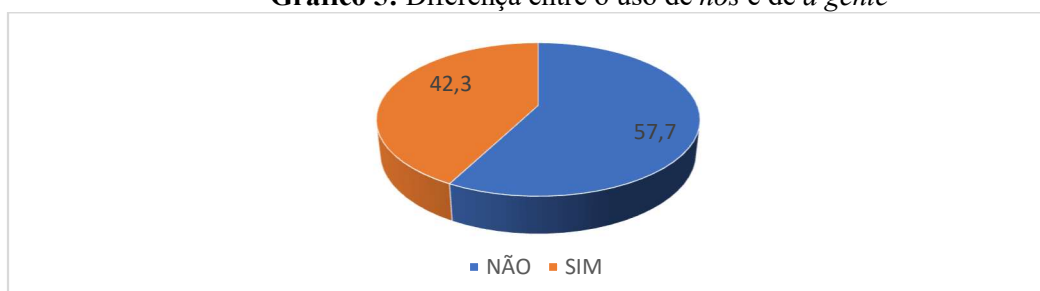
Ao analisarmos o alto percentual de falantes que consideram “*a gente vamos*” como a forma melhor/mais bonita, constatamos que essa avaliação se deu apenas entre participantes com ensino fundamental e participantes com ensino médio. Gramaticalmente falando, isso indica que há uma falta de conhecimento por grande parte dos falantes menos escolarizados em relação à forma verbal adequada com o pronome inovador, pois, para o falante, se o *a gente* substitui o pronome *nós*, o verbo usado com este pronome também poderá/deverá ser usado com aquele.

Os resultados aqui apresentados vão ao encontro do que defende Bortoni-Ricardo (2008). Ao realizar testes para avaliar o grau de percepção da não-concordância verbal na 3PP entre falantes do ensino fundamental e falantes do ensino superior, a autora concluiu que "a distinção entre os dialetos ocorre significativamente mais entre falantes universitários em comparação a falantes de curso supletivo", demonstrando-se assim uma estigmatização da concordância verbal não-padrão entre os falantes que têm acesso a curso superior (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 370).

É inegável que mais anos de escolarização podem influenciar na redução da taxa de não-concordância verbal. Da mesma forma, o grau de instrução revela-se um fator importante na avaliação e na percepção dos padrões de concordância.

Na quarta e última questão foi questionado se há diferenças entre as formas *nós* e *a gente*. Conforme o Gráfico 5, obtiveram-se os seguinte resultados: 57,7% apontaram que não há nenhuma diferença e 42,3% disseram haver alguma diferença.

Gráfico 5: Diferença entre o uso de *nós* e de *a gente*



Fonte: Lima (2021)

É evidente que o pronome *a gente* já faz parte da gramática discursiva dos falantes, no entanto não é consensual entre os entrevistados a existência de diferenças entre os pronomes, pois os percentuais se mostram relativamente bem distribuídos. Algumas das diferenças apontadas pelos falantes podem ser observadas nos exemplos que se seguem.

- (7)- Tem o mesmo sentido, mas o *nós* é mais formal, usado em situações mais formais. (Falante 06)

(10) - Pra mim, tem. Pra mim, *a gente...* se eu chegar pra ti: “[...], *a gente* tem que sair”, eu acho que é uma coisa mais particular. Agora se chegar assim para uma pessoa de fora, aí eu usaria a palavra *nós*, porque juntaria essas pessoas para algum local. Mas, particular, usaria *a gente*, com uma pessoa conhecida. Agora desconhecida, não. Se eu chegar ali fora: ó gente, *nós* vamos arrumar coisa tal, aí eu colocaria *nós*. (Falante 18)

(12) - Eu acho que é diferente. Acho que *nós* é mais certa e acho que é mais bonita do que *a gente*. (Falante 24)

(13) - *A gente* é mais simples de usar. (Falante 26)

Três aspectos resumem as respostas dos falantes que afirmaram haver diferença entre os dois pronomes: formal x informal, certo x errado e esquiva da proparoxítona. O formal pode ser interpretado como algo relacionado à escrita, assim como algo relacionado à fala em situações e a pessoas específicas. Nesses casos, há preferência pelo pronome *nós*. A noção de “certo” pode ter base na gramática normativa, uma vez que o pronome *a gente* não aparece no sistema pronominal tradicionalmente preconizado. Tal deve ser a razão pela qual *nós* seria o mais correto. Finalmente a esquiva da proparoxítona é refletida na avaliação de que *a gente* é a forma mais fácil de usar, pois a concordância é realizada em 3PS e as proparoxítonas se transformam em paroxítonas.

Gramática e Ensino da 1PP

É fato incontestável a diversidade linguística, no entanto a língua tem sido vista pelos gramáticos como homogênea e um sistema fechado, com regras permanentes e imutáveis. Isso pode ser constatado na abordagem dos pronomes de 1PP, por exemplo. Mesmo o pronome *a gente* tendo sido implementado no quadro pronominal do PB entre os séculos XVII e XVIII e ter sua produção na fala mais recorrente do que o pronome *nós*, apenas este é considerado como legítimo, enquanto aquele fica restrito a notas observacionais.

Cunha e Cintra, na “Nova Gramática do Português Contemporâneo” (2017, p. 330), fazem uma menção ao pronome *a gente* destacando que “no colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu*”. Eles acrescentam que o verbo junto ao pronome *a gente* deve ficar sempre na 3PS. Bechara (2009, 199), na “Moderna Gramática Portuguesa”, também faz referência ao pronome afirmando que “o substantivo gente, precedido do artigo a e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a que está sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa”. Para Bechara, em ambos os casos, o verbo fica na 3PS. Cegala (2008), por sua vez, na “Novíssima Gramática da Língua Portuguesa”, não faz qualquer menção ao pronome *a gente*.

Cunha e Cintra (2017) e Bechara (2009) não inserem *a gente* no quadro dos pronomes pessoais, mas admitem seu emprego associado a situações informais. Conforme Muniz (2008), isso se estende também à maioria dos livros didáticos em que, embasados no enfoque tradicional, a subclasse dos pronomes pessoais sujeito continua sendo apresentada como composta de três pessoas no singular (*eu, tu, ele/ela*) e três pessoas no plural (*nós, vós, eles/elas*), a despeito de quaisquer mudanças ocorridas nesse sistema. Assim como as gramáticas tradicionais, alguns livros didáticos também apontam que o *a gente* tem sido muito utilizado para substituir a forma *nós* na linguagem cotidiana,

mas aconselham evitar o uso da forma inovadora em situações formais, principalmente na língua escrita.

Lopes (2012), a partir da análise de seis obras didáticas destinadas ao Ensino Fundamental constata que nenhuma delas insere *a gente* no quadro de pronomes pessoais e somente três fazem comentários adicionais sobre o uso de *a gente*. Conforme Lopes (2012), isso se estende também a oito obras destinadas ao Ensino Médio.

Ressaltamos que o pronome *a gente* já faz parte da gramática discursiva do falante do PB e a escola não pode ser indiferente à realidade dos fatos linguísticos. Para Mollica (2003, p. 100), a escola deve “trabalhar fenômenos dinâmicos dos usos correntes com base em princípios imanentes à língua, descobertos a partir de pesquisas sobre o português falado atual”, pois é imprescindível que o aluno adquira consciência linguística, que seja capaz de conhecer e distinguir as diferenças que envolvem as variedades do PB. Mollica acrescenta que

Não queremos desqualificar o material instrucional existente tampouco a ação dos educadores, mas ressaltar a importância de se oferecer uma alternativa de ensino que vincule a fala à escrita. As gramáticas adotadas nas escolas, por razões históricas, não apresentam nem conhecem os princípios que regem os usos da língua. Quase sempre não nos damos conta de que a língua está em constante transformação e que há variação não somente nos empregos do pronome átono de terceira pessoa em posição acusativa, como também nas possibilidades de usos alternativos entre nós e a gente, por exemplo, e em inúmeros outros fenômenos que afetam o sistema pronominal (2003, p. 101).

Como já apontamos, as mudanças ocorridas no paradigma pronominal acarretam mudanças no paradigma verbal. Em relação ao pronome de 1PP, por exemplo, a mudança não está relacionada apenas ao fato de *nós* fazer concordância com o verbo em 1PP e o *a gente* fazer concordância com o verbo em 3PS. Mattos e Silva (2006) afirma que, no português brasileiro, ocorrem paralelamente um paradigma verbal de quatro posições – *eu* falo, *ele/você/a gente* fala, *nós* falamos, *eles/vocês* falam; um de três posições – *eu* falo, *ele/você/a gente* fala, *eles* falam e outro de duas – *eu* falo, *ele/você/a gente/eles/vocês* fala.

Nas gramáticas normativas, o tratamento dado à concordância verbal aparece de forma tradicional, prescrevendo que o verbo concorde com o sujeito em número e pessoa. Considerando o uso real da língua e os movimentos operados nos paradigmas verbais apresentados por Mattos e Silva (2006), Espínola & Hora (2004) afirmam que o fenômeno da concordância verbal é um dos campos mais abertos e intrigantes da pesquisa sociolinguística, tendo em vista que as normas estabelecidas pela Gramática Tradicional nem sempre correspondem ao seu uso pelo falante.

Nesse sentido, uma proposta de ensino da concordância em consonância com os usos do PB atual incluiria a reflexão da diversidade linguística. Melhor seria então promover o conhecimento sobre a alternância pronominal e a concordância verbal nas diversas situações comunicativas, sob a observância do surgimento dos fenômenos nos textos orais e escritos trabalhados em sala de aula. Não advogamos contra o ensino da gramática normativa, pelo contrário, defendamos que ela deva ser ensinada na escola. No entanto, ao trabalharmos a partir da variedade que o aluno traz consigo em direção à variedade que ele precisa aprender, o sucesso no processo de ensino-aprendizagem torna-se mais provável.

Em se tratando do paradigma pronominal, é relevante a reflexão sobre o que o livro didático propõe e o que efetivamente ocorre nos empregos reais do PB, de forma a não ocasionar o ensino de um quadro pronominal brasileiro irreal, apartado das práticas sociais da língua em uso. A proposição de pedagogia da variação linguística pauta-se,

antes de tudo, pelo livramento de alguns mitos e crenças como, por exemplo, o de que existe uma única variedade da língua portuguesa que é correta. De acordo com Faraco (2007, p. 46-47),

[...] nosso grande desafio, neste início de século e milênio, é reunir esforços para construir uma pedagogia da variação linguística que não escamoteie a realidade linguística do país (reconheça-o como multilíngue e dê destaque crítica à variação social do português); não dê tratamento anedótico ou estereotipado aos fenômenos da variação; localize adequadamente os fatos da norma culta/comum/standard no quadro amplo da variação e no contexto das práticas sociais que a pressupõem; abandone criticamente o cultivo da norma padrão; estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação.

Nessa mesma perspectiva, Camacho (2001, p.72) aponta que

As variedades são alternativas e podem conviver harmoniosamente na sala de aula, cabendo ao professor o bom senso de discriminá-las adequadamente, fornecendo ao aluno as chaves para perceber as diferenças de valor social entre elas e, depois, saber tirar vantagem dessa habilidade, selecionando a mais adequada conforme as exigências das circunstâncias do intercurso verbal.

Lima (2016), ao analisar dificuldades relacionadas à conjugação verbal de alunos dos anos finais do ensino fundamental de uma escola pública do Maranhão, observou que os aprendizes apresentavam bastante dificuldade na compreensão das regras de concordância, principalmente em relação à 2ª pessoa do singular e à 1ª e 2ª pessoas do plural. A pesquisadora relaciona essas dificuldades à distância entre aquilo que o aluno observa/aprende na sua comunidade de fala e o que o professor ensina na escola, pois, em se tratando da 2PS e da 1PP, é comum os falantes do PB usarem as formas *você* e *a gente* para substituir o *tu* e o *nós*, apesar de os pronomes substituírem um ao outro e as formas verbais serem com eles usadas de maneiras distintas. Quanto à 2PP, temos uma situação ainda mais emblemática. Nos contextos anteriores, as formas pronominais coocorrem e concorrem entre si; no caso do pronome *vós*, tal forma linguística não faz parte do vocabulário dos falantes que, ao se referirem à 2PP, usam predominantemente o *vocês*.

Com a inserção do *você* e do *a gente*, essa reorganização do sistema pronominal provocou uma reorganização também no paradigma verbal, em que, de acordo com as regras gramaticais, a concordância deve ocorrer da seguinte forma:

Quadro 2: Reorganização do sistema pronominal e do paradigma verbal

PESSOA PRONOMINAL	FORMA TRADICIONAL	FORMA INOVADORA
2ª pessoa do singular	Tu andas/escreves/vais	Você anda/escreve/vai
1ª pessoa do plural	Nós andamos/escremos/vamos	A gente anda/escreve/vai
2ª pessoa do plural	Vós andais/escreveis/ides	Vocês anda(m)/escreve(m)/vai(ão)

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

As gramáticas e os livros didáticos apresentam apenas o quadro tradicional de pronomes pessoais, deixando de fora o pronome *vocês* e as formas variantes *você* e *a gente*, todos eles já consagrados pelo uso no PB. A falta de clareza quanto ao tratamento das formas pronominais inovadoras, as diferentes possibilidades de referir-se à mesma pessoa gramatical e a distância existente entre a variedade trazida pelo aluno e a variedade preconizada pela escola constituem obstáculos para a aprendizagem.

Ao introduzir o conteúdo de conjugação verbal, Lima (2016) constatou que os alunos sempre usaram o pronome *tu* com o verbo em 3PS, que é a forma verbal mais frequente junto com o pronome *você*. Sem fazer qualquer menção ao pronome *você*, a pesquisadora mostrou aos alunos como se deve combinar o *tu* e o verbo de acordo com a gramática normativa. Após essa etapa, a professora abordou o pronome *você* e, ao pedir que realizassem a conjugação verbal, a maioria dos alunos empregou o verbo em 2PS. Ao serem questionados se havia diferenças entre as duas formas, os discentes afirmaram que o *você* é mais formal e a forma *tu* informal, uma crença que não encontra base na tradição gramatical.

Lima (2016) observou ainda que os alunos alternavam o uso de *nós* e *a gente*, no entanto a concordância se dava quase sempre com o verbo em 3PS. Foi realizado o mesmo procedimento ao apresentar o pronome *a gente* e alguns alunos usaram o verbo em 1PP. Em se tratando do pronome *vós*, observou-se que os alunos sequer sabiam a quem se referia a forma *vós*, tampouco tinham qualquer noção de como realizar a conjugação verbal com esse pronome.

É evidente que se faz necessário repensar as questões relacionadas à abordagem do quadro pronominal atual do português brasileiro e, conseqüentemente, do paradigma verbal, de forma que sejam desenvolvidas práticas que integrem o domínio de variedades da norma culta da língua ao conhecimento já existente do falante. Para Naro (1982), o papel do professor é o de estimular a expressão linguística do aluno e, para isso, é necessário que se tenha uma familiaridade efetiva com o sistema natural do falante.

É necessário atentarmos também para as modalidades do ato comunicativo. No caso do *a gente*, não se observa, na oralidade, nenhum rótulo depreciativo, pois o seu uso perpassa os mais variados níveis sociais. Por outro lado, apesar de ser o mais usado, ele não é desejável na escrita. Sobre essas diferenças intrínsecas entre as modalidades oral e escrita, Bortoni-Ricardo (2017, p. 159) esclarece que “têm os professores, portanto, de ficar alerta à produção linguística de seus alunos em sala de aula promovendo os ajustes necessários, de forma sempre muito respeitosa, nos termos de uma pedagogia culturalmente sensível”.

Seguindo nessa mesma linha, uma das habilidades preconizadas pela BNCC para o Ensino Fundamental é a de que os alunos sejam capazes de “fazer uso consciente e reflexivo de regras e de formas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada” (BRASIL, 2018, p. 161). Isso nos leva a crer que, nesse nível de ensino, o aluno deve encontrar orientações que o auxiliem na compreensão do uso de *nós* e *a gente* e das respectivas concordâncias em diferentes modalidades e situações de comunicação.

Além das questões que dizem respeito às próprias arbitrariedades da língua, não podemos esquecer dos aspectos sociais que, muitas vezes, constituem obstáculos para a aprendizagem. Além de trazer a variedade diferente daquela ensinada na escola, muitos alunos moram em regiões periféricas sem acesso a recursos tecnológicos e materiais didáticos, tiveram uma alfabetização deficiente, não contam com acompanhamento da família, ou porque os pais ou responsáveis precisam trabalhar, ou até mesmo porque os familiares não atingiram nível de instrução que lhes permita auxiliar os filhos nas tarefas escolares.

Todos esses aspectos precisam ser levados em consideração ao se trabalhar conteúdos gramaticais. Considerar a realidade do aluno significa priorizar os contextos já conhecidos por ele para que, então, seja estimada a distância entre a norma dominada pelo discente e a norma que se pretende ensinar, com atividades reflexivas para o desenvolvimento dos conceitos de forma integrada de modo a que o aluno possa utilizar



os pronomes e registrar a concordância de forma consciente na produção de textos orais ou escritos.

Considerações

Neste texto, demonstramos que o quadro dos pronomes pessoais do PB está sofrendo modificações com a inserção da forma *a gente*. Apesar de o tema ser objeto de estudo na pesquisa acadêmica, o tratamento da variação pronominal em sala de aula ainda constitui um dos grandes desafios para o professor de Língua, tendo em vista que os próprios livros didáticos não apresentam as formas inovadoras *você(s)* e *a gente* já cristalizadas na fala.

A não marcação da concordância verbal também é uma realidade linguística muitas vezes ignorada no ensino da Língua Portuguesa, o que contribui para a manutenção de crenças que afastam o estudo da língua materna na escola da realidade linguística dos estudantes. Sempre bom frisar que, se língua não pode ser classificada como um fenômeno homogêneo, da mesma forma não pode ser ensinada como se fosse.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso: 05 jun. 2023.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2017.
- BORTONI-RICARDO, S. M. A concordância verbal em português: um estudo de sua significação social. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Org.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemo na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-76.
- CEGALA, D. P. *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- COELHO, I. L.; GORSKI, E. M.; SOUZA, C. M. de; MAY, G. H. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2018.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- FARACO, C. A. Por uma pedagogia da variação linguística. In: CORREA, D. A. (Org.). *A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: UEPG, 2007, p. 21-50.
- FERNANDES, E. A. Fenômeno variável: nós e a gente. In: HORA D. da. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB, 2004, p. 149-56.
- ILARI, R. B. et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, A. T. de; BASÍLIO, M. (Org.) *Gramática do português falado*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- LEMLE, M.; NARO, J.A. Competências básicas do Português. *Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras*. Fundação Movimento de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.
- LIMA, E. O. Avaliação social dos pronomes nós e a gente em Barra do Corda. *Relatório de pesquisa (PIVICT)*. Instituto Federal do Maranhão, Barra do Corda, 2021.
- LIMA, E. O. *Variação da primeira pessoa do plural no português maranhense*. 2020. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.
- LIMA, E. O. *Dificuldades de apropriação de leitura e escrita no ensino fundamental*. 2016. 16f. Artigo (Especialização em Psicopedagogia com ênfase em gestão e supervisão escolar) – Faculdade de Patrocínio, Barra do Corda, 2016.
- LOPES, C. R. dos S. *O quadro dos pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino*. Matranga, Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, p. 116-141, 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22624>> Acesso: 06 jun. 2023.
- LOPES, C. R. dos S. Nós por a gente: uma contribuição da pesquisa sociolinguística ao ensino. In: CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Diversidade Linguística e Ensino*. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Salvador: UFBA, 1996.
- LOPES, C. R. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.
- MAIA, F. de P. S. *A variação nós e a gente no dialeto mineiro: investigando a transição*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- MARTINS, M. R. A. da S. et al. Atitudes linguísticas dos falantes portuenses frente ao uso do pronome tu. *Revista Porto das Letras*, vol. 04, n. 1. 2018.
- MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. 2013. 137f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- MATTOS E SILVA R. V. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MENDONÇA, A. K. de. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. 2010. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010



- MENON, O. P. da S.; LAMBACH, J. B.; LANDARIN, N. R. X. N. Alternância nós/a gente nos quadrinhos: análise em tempo real. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 96-105.
- MOLLICA, M. C. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.
- MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. In: _____; BRAGA, M. (Org.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 27-32.
- MUNIZ, C. A. G. *Nós e a gente: traços sociolinguísticos no assentamento*. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2008.
- MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. 2. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática de português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- NARO, A. J. *Língua e educação*. Anais do Seminário sobre aprendizagem da língua materna - uma abordagem interdisciplinar. Brasília: INEP/MEC, 1982.
- NASCIMENTO, C. S. *Nós e a gente em Salvador: confronto entre duas décadas*. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996, p. 183-216.
- OMENA, N. P. de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. In: NARO, A. J. et al. Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986. p. 286-319.
- PEREIRA, S.M.B. *Gramática Comparada de a gente: variação no Português Europeu*. 2003. 100 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.
- RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. 393 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.
- SANTANA, A. M. B. *Nós e a gente: um retrato do português popular de Salvador*. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2014.
- SCHIMITZ, J. R. Coisa da Gente. *Revista Língua Portuguesa*, ano I, n. 11, p. 44-46, 2006.
- SEARA, I. C. *A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana*. Organon, Porto Alegre, v.14, n.28/29, p.179-194, 2000.
- SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, M. R. da. *Pronomes nós/gente no português falado em Rio Branco Acre*. 2013. 74 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2013.

VIANNA, J. B de S.; LOPES, C. R. Variação dos pronomes nós e a gente. In: MARTINS, M. A; ABRAÇADO, J. (Org) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-132.

VIEIRA, S. R. Concordância verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F.. (Orgs.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 85-102.

VIEIRA, S. R. A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável. *Graphos*. Revista da Pós-graduação em Letras da UFPB. Ano II, Vol. 2, n. 1. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1997. p. 115-133

ZILLES, A. M. S.; BATISTA, H. R. A concordância verbal da primeira pessoa do plural na fala culta de Porto Alegre. *Educart*, p. 99-124, 2006.

ZILLES, A. M. S. *The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese*. *Language Variation and Change*, v.17, n.1. p.19-53, 2005.

ZILLES, A. M. S. *Grammaticalization of 'a gente' in Brazilian Portuguese*. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002.

ZILLES, A. M. S.; MAYA, L. Z.; SILVA, K. Q. da. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon - Estudos da língua falada*. Porto Alegre, v. 14, n. 28-29, p. 195-219, 2000.

Como citar este trabalho:

LIMA, E. O; MOLLICA, M. C. Pronomes de 1PP: uma análise sociolinguística e educacional. **Traços de Linguagem**, v. 6, n. 2, 80-97, 2022.
